

A SEXUALIDADE NA VELHICE: UMA ANÁLISE DO ETARISMO A PARTIR DOS CONTOS “LUAMANDA” E “MARIA DOS PRAZERES”

Esdras Bandeira Fernandes ¹
Silvanna Kelly Gomes de Oliveira ²

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar a sexualidade na velhice dentro do âmbito literário, especificamente, a partir do gênero conto. De modo geral, a principal pauta das histórias protagonizadas ou secundarizadas por idosos é o etarismo, que significa o preconceito contra esse grupo. Apesar de ser um conceito recente, possui uma construção histórico-cultural problemática e que necessita ser discutida. Assim, partindo da análise dos textos literários “Luamanda” de Conceição Evaristo, e “Maria dos prazeres” de Gabriel García Márquez, observaremos a construção narrativa contemporânea do gênero conto, por meio de Gotlib (1990), bem como explicitaremos analogias presentes em ambos os textos, desde a representação de personagens negras, mulheres e idosas que possuem uma vida sexual ativa, pautando-nos em Neves e Melo (2018), entre outros; até o tabu presente nessas figuras femininas, isto é, o etarismo junto ao machismo estrutural que permeia a vida das mulheres, mediante as ponderações de Zolin (2009), Britto da Motta (2010), entre outros.

Palavras-chave: Sexualidade, Etarismo, Conto, Mulheres idosas, Crítica literária.

INTRODUÇÃO

A pessoa idosa perante a visão eurocêntrica é de alguém que já deu sua contribuição para a sociedade e se tornou inútil. Diante disso, em sua maioria, os idosos passam por um processo de exclusão no meio social, devido à construção de que a velhice seria sinônimo de descanso, debilidade mental, entre outros. No entanto, numa perspectiva afrocêntrica a pessoa idosa é vista de uma forma totalmente diferente, em contrapartida aos ideais coloniais, sendo possível uma exaltação desse indivíduo.

Na África, aqui destacando os países de africanos de língua portuguesa, os ancestrais influenciam diretamente na vida dos seus descendentes. As tradições, os costumes, os valores e muitas das marcas identitárias das comunidades africanas são definidas de acordo com a relação que o grupo estabelece com os seus antepassados. (SILVA, 2018)

¹ Graduando do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, esdrasbandeira@gmail.com;

² Orientadora, Doutora em Literatura pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, silvannakoliveira@gmail.com;

Nesse sentido, a ancestralidade é algo muito importante para as culturas africanas, uma vez que as pessoas as quais ditam as tradições e valores são os idosos, o que os torna figuras respeitadas e de grande valor dentro da sociedade. Tal fato vai de encontro ao que a sociedade eurocentrista faz, visto que esta constrói estereótipos diante desse indivíduo, determinando papéis sociais que ele deve cumprir durante essa fase da vida. São, logo, considerados os “vovôs” ou as “vovós” que precisam estar dentro desses moldes para que sejam facilmente aceitos.

Dessa forma, alguns comportamentos dessas pessoas são recriminados, como por exemplo falar sobre relações sexuais, principalmente as mulheres. Mas por que essas pessoas não podem falar abertamente sobre os seus desejos? Há muitos tabus envolvendo a velhice que acabam por manter a visão estereotipada dos idosos, a qual é chamada de etarismo. Ele é construído dentro do imaginário social eurocêntrico que ainda persiste num idoso longe de uma visão mais “humanitária”, sobre a qual este teria um corpo com desejos e anseios para vida.

Apesar dessa construção dessas ideias majoritariamente distorcidas das pessoas idosas como socialmente inúteis, é importante salientar que essa é apenas uma faceta do imaginário social, pois no cotidiano existem pessoas que fogem desse molde. A partir disso, nesse artigo iremos analisar contos de mulheres negras que insurgem desses papéis sociais impostos, delimitando o local de onde parte as descrições dessas mulheres. *Maria dos prazeres* de Gabriel García Márquez que é descrita por um homem branco, e *Luamanda* que é descrita por uma mulher negra. Ambas vivem momentos de prazer dentro de sua velhice, dentro de relações casuais, até serem surpreendidas com um prenúncio da chegada de um possível amor. Analisaremos, dessa maneira, um final em aberto de ambos os contos, utilizando como base Franco Junior (2009), Gotlib (1990), Zolin (2009), e para analisar o etarismo dentro dessas obras; Neves e Melo (2018) e Britto da Motta (2010).

1. O IDOSO NAS NARRATIVAS E NA SOCIEDADE

A partir do consumo e influências sociais, através das manifestações artísticas e midiáticas são construídos estereótipos, como por exemplo o da pessoa idosa. O exemplo mais claro que se pode ter é a famosa história da “Chapeuzinho Vermelho”, na qual se tem a “vovozinha” indefesa que é comida pelo lobo. Nessa história, a personagem avó da menina é apenas um personagem “tipo”, como explica Franco Junior (2009) seria a personagem identificada apenas por sua categoria social. Dessa maneira, apenas se reproduzem

estereótipos construídos socialmente, sem qualquer marca de densidade psicológica. A partir disso, é possível observar como o idoso é colocado em segundo plano no âmbito artístico.

Outro exemplo dentro da literatura infantil seria o “Sítio do Pica Pau Amarelo” o qual traz três personagens idosas marcantes que seriam a Dona Benta, Tia Nastácia e Tio Barnabé. Esses três personagens passam a maior parte do tempo em casa; enquanto a Dona Benta é responsável por cuidar das crianças, ler para elas, Tia Nastácia está ali apenas para servir como cozinheira, assim, destacando papéis diferentes entre uma idosa branca e uma idosa negra. Enquanto o idoso negro, apesar de sua idade ainda tem utilidade para servir, assim faz as obrigações mais pesadas do sítio. Ou seja, os negros idosos do do sítio não são dignos de ser aqueles que irão aconselhar, são apenas serviçais. Entre outras histórias infantis em que a “vovó” aparece para dar algum conselho aos seus netos ou como sua cuidadora. Como por exemplo, *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981) de Ana Maria Machado, em que Bel (neta) conversa com Bisa Bia, a qual vive apenas na cabeça da neta. Bisa Bia lembra das coisas de sua infância, das brincadeiras, objetos, entre outros. O principal foco é o conflito entre gerações quando as duas divergem de um ponto de vista.

Partindo para alguns filmes que fogem da perspectiva apontada até aqui, observamos a animação “Up - altas aventuras” (2009) que vai trazer a história de um casal que se conheceu na infância e envelhece juntos. No entanto, a esposa morre deixando o marido Carl sozinho, sem filhos, mas com um livro de recortes e fotos das aventuras que viveram juntos e da viagem que um dia prometeram fazer. Chega o dia em que é forçado a sair de sua própria casa que morou a vida toda e ser internado, apesar disso Carl enche vários balões e faz com que sua casa flutue até chegar na floresta a qual ele e sua esposa sonhavam em morar. Nesse sentido, Carl insurge diante do que seria imposto para ele fazer, tendo em vista que algumas pessoas idosas não têm o direito de fazer suas próprias escolhas e tem de atender os desejos dos seus filhos ou cuidadores. Outro exemplo de filme em que há esse movimento que tende a fugir dos estereótipos é o filme “Deu a louca na chapeuzinho vermelho” (2006). Nesse filme a famosa personagem “vovozinha” vai praticar esportes radicais o que sairia totalmente dos moldes do que uma pessoa idosa poderia ser dentro da sociedade etarista. Citando outros filmes que possuem a pessoa idosa como protagonistas, temos “Um senhor estagiário” (2015), “Amor” (2012), “Pacarrete” (2019) e entre outros.

Seguidamente, fazendo um breve apanhado sobre protagonistas e personagens idosos dentro do conto contemporâneo, por exemplo, *Duzu* (2016), uma idosa que foi levada para trabalhar num prostíbulo quando mais nova e na velhice depois de ter muitos filhos, passa a morar no morro, provavelmente, da mesma forma que *Maria dos Prazeres* (1992) que foi

enxotada por estar “usada demais para os gostos modernos” (MÁRQUEZ, 1992, p. 150). Dessa maneira, observamos a marginalização da mulher idosa que perdeu sua utilidade para a sociedade capitalista, sendo assim colocada à margem. Mesmo que dentro da visão dos contos elas sejam ex-prostitutas, segue a perspectiva da sexualidade na velhice ser algo não destinado a sua idade.

São expressão acabada disso as formas de regulação do Estado nacional moderno na sua prescrição de uma idade “certa” para cada participação ou pertinência social dos indivíduos e de alguma forma de sanção para a desobediência a essas prescrições legais. (BRITTO DA MOTTA, 2010)

Como se tem também em *A procura de uma dignidade (1999)*, em que a personagem gira em torno de um desejo sexual a quem ela destina a Roberto Carlos, e reflete acerca de sua idade e pensar sobre “aquilo”, ao se olhar no espelho e ver seu rosto maquiado, maquiagem esta sinônimo de cobrir imperfeições, esconder a idade. No conto ela ainda diz sobre como se agrada quando dizem que ela parece mais jovem do que é. No entanto, tudo isso é vão, porque ao observar sua imagem no espelho via algo semelhante a um palhaço. Ela enganava a si mesma sobre os seus traços de mulher idosa “E agora era apenas a máscara de uma mulher de 70 anos.” (LISPECTOR 2016 p. 448) Ainda não assumia sua própria face durante a velhice “Só que ela não estava habituada a ter quase 70 anos, faltava-lhe prática e não tinha a menor experiência.” (LISPECTOR 2016 p. 449) Apesar de simultaneamente aceitar a imposição de que uma pessoa idosa não poderia sentir desejos sexuais, afinal, ela mesma se pergunta se os seus lábios seriam beijáveis; se caso seria nojento beijar os lábios de uma velha. Diante disso, há novamente a volta do estereótipo do idoso o qual este seria alguém sem dentes, inerte, como se estivesse em um estado de volta aos primeiros meses de vida.

Ademais, há em outro conto de Clarice, *Viagem a Petrópolis* onde a personagem é uma pobre senhora “órfã” de cuidadores, já que seu companheiro e filhos haviam morrido. Ela vaga por casas de pessoas que a acolham, ficando num quartinho qualquer, denotando o abandono do idoso dentro da linguagem ficcional. Seu próprio nome Margarida é apagado dando lugar ao apelido de mocinha, um mais genérico, representando seu alheamento, sendo só mais uma velha. “Não tem lugar não, ouviu?” (LISPECTOR 2016 p. 323) Não há lugar para alguém que já não tem mais utilidade.

Em verdade, há uma rejeição social, histórica, à condição de velhice, personificada nos idosos, que nas objetivações próprias da modernidade se constitui, ao mesmo tempo, em negação do passado e do futuro; rejeição a uma figura de certo modo ambígua, que remete ao mesmo tempo ao passado (ao que já passou e se tornou “superado”, “inútil” e oneroso) e ao futuro; o futuro que ele aponta e se nos afigura à espera de cada um – doenças, perdas, dependência e fealdade; senilidade e proximidade da morte. Que desencadeia uma pulsão a “exorcizar” esse fantasma do futuro, afastando-se dele ou até ensaiando destruí-lo (BRITTO DA MOTTA, 1998 apud BRITTO DA MOTTA 2010, p. 241).

Nesse sentido, um último exemplo é o livro *Quarenta Dias (2014)* que carrega a história de Alice que é tirada à força, por meio de chantagem emocional, de seu local de nascimento para cuidar de um possível neto, assim como, a mocinha do conto citado acima que não queria ser retirada do local onde vivia. Petrópolis e Porto Alegre são o desconhecido, a representação de um desapego ao seu lar, já que sua filha Norinha faz com que ela desapegue não só de sua casa, assim como de alguns bens materiais e quando ela resiste, Norinha a chama de “velhota sentimental”. Diante disso, a filha de Alice busca trazer para sua mãe, inútil socialmente - do seu ponto de vista - uma imposição de um papel social, isto é, ser a avó que cuida dos netos. A função de avó profissional, em que seu único objetivo de vida é cuidar dos netos. Contudo, a personagem revolta-se diante dessas imposições e vai em busca de um novo objetivo, tomando para si a tarefa de encontrar Cícero Araújo, seu coelho branco. Por mais que perambule, nunca o encontra, após um tempo ela retorna ao seu lar. Alice estaria então buscando apenas um objetivo qualquer porque não era desejo seu cuidar de um neto que não tinha sequer previsão de nascimento. Isso parte da visão etarista de que a pessoa idosa não teria direito de fazer suas próprias escolhas e teria a obrigação de atender ao que seus filhos querem.

Assim, por meio das análises feitas até aqui é perceptível o apagamento da mulher idosa dentro da literatura. Sua participação sempre é secundarizada, cheia de estereótipos, sem grande densidade psicológica. Vale salientar que para ler alguns dos textos que seguem essa linha é preciso um olhar mais crítico. Em “Feliz aniversário” de Clarice Lispector a personagem idosa é tratada com objeto, quando é colocada na sala para comemorar seu aniversário. Os parentes sequer notam sua presença e quando ela cospe no chão, possivelmente, na tentativa de chamar atenção é repreendida como se fosse uma criança. O que nos leva a refletir como essas pessoas são tratadas, tendo que muitas vezes estar numa

situação de submissão diante de filhos ou netos. Grande parte desses idosos sofre abusos físicos, psicológicos ou financeiros, dos próprios parentes.

Embora ainda exista esse movimento de apagamento, aos poucos se abre espaço para o debate do etarismo diante do conto contemporâneo. Como nos contos *Luamanda* de Conceição Evaristo, *Vó, a senhora é lésbica?* e *As tias* de Natália Borges Polesso, todos esses trazem novas visões da mulher idosa. Uma construção a qual nem se falava que é a sexualidade dessas mulheres dentro da velhice, além da questão da homoafetividade a qual Polesso traz.

2. LUAMANDA E MARIA DOS PRAZERES: UM PRENÚNCIO DO AMOR, DIFERENTES VISÕES SOBRE MULHER NEGRA IDOSA

O gênero conto na atualidade tem aberto margem para se falar sobre diversos assuntos os quais outrora eram motivo de tabu. Apesar de uma fuga dos estereótipos construídos para a pessoa idosa, ainda há muitas produções as quais os reproduzem. Como já citado muitas vezes esses personagens são apenas “personagem tipo”, isto é, se aloca dentro das obras apenas por suas categorias sociais. Diante disso, carregam em si estereótipos construídos socialmente. Assim, dentre muitas obras a personagem idosa fica em segundo plano, sempre dentro de sua casa, numa cadeira de balanço, num lar para idosos, na cozinha, entre outros. São sempre lugares que se repetem e que incitam a manutenção de um imaginário diante desses indivíduos. A ambientação sempre segue a mesma perspectiva, a casa da vovó tem o cheiro de comida caseira, de flores, já que a velhice é tida como tempo de ócio. Esse ócio deve ser preenchido com atividades destinadas à velhice como crochê, culinária e jardinagem. Zolin (2009) aponta que o feminismo desnuda os comportamentos sócio-históricos impostos à mulher vistas como determinantes na produção literária. Isto é, traz à tona o papel social e os comportamentos que a mulher deve ter durante toda sua vida.

Ainda acerca do conto, sua brevidade e técnicas de escrita desenvolvidas como a de que Piglia (2004) explica que o contista ao escrever um conto escreve duas histórias, uma que estaria na superfície e outra história secreta a qual nunca teria um desfecho. “trabalha a tensão entre as duas histórias sem nunca resolvê-la” (PIGLIA, 2004 p. 91). Ainda observa que Edgar Allan Poe ao escrever avisava da segunda história presente no conto, enquanto no conto moderno se descreve como as duas fossem uma só. A partir desses apontamentos e da brevidade do gênero é notável o quanto deixa, propositalmente, muitos pontos em aberto - afinal o conto é apenas um recorte da vida da personagem, ou como aponta Gotlib (1990)

flashes do seu cotidiano. Assim, no conto, é desconstruída a forma da narrativa linear de começo-meio-fim já que conta apenas uma parte do enredo.

Nesse sentido, esses recortes abrem espaço para o leitor deixar sua imaginação fluir, se questionando sobre o que se sucedeu ou se antecedeu dentro da narrativa. Nos finais de ambos os contos que irão ser analisados é perceptível uma interpretação para um amor que chega na velhice. Mas antes de observar essa abertura que os autores dão para o leitor imaginar é preciso analisar o percurso traçado.

Inicialmente, torna-se imprescindível falar acerca dos diferentes olhares que recairão sobre a mulher negra idosa. O olhar de Márquez (1992), partindo da visão de um homem branco já o de Evaristo (2016) parte de um olhar da mulher negra sobre ela mesma. Dessa maneira, pontos de vista distintos são moldados nos contos. Embora seja protagonista de sua própria história, Maria dos Prazeres ainda está dentro de um estereótipo. Foi vendida quando tinha quatorze anos, abusada e deixada à deriva. Sua história é cercada de doações para os outros, já que como prostituta, seu prazer é patrimônio alheio. Na velhice segue o mesmo plano, tem um amigo o qual usa de seu corpo e um cão, chamado Noi, que é treinado para chorar em sua cova. A presença de Noi deixa claro que Maria não tinha ninguém em sua vida. Demonstrando assim uma solidão de uma mulher que serve para os prazeres, mas não para ser companheira de alguém.

Maria não tem filhos, o que reforça um estereótipo da mulher negra na literatura apresentado por Evaristo (2020):

A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e /ou corpo-objeto de prazer do macho-senhor, não desenha para ela imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para mulheres brancas em geral. Personagens negras, como Rita Baiana, Gabriela e outras, não são construídas como mulheres que geram descendência.” (EVARISTO 2020 p. 2)

Diante disso, é perceptível a solidão de Maria e como poeticamente ela escuta as águas turbulentas do destino trazendo algo para ela. A água é algo presente na narrativa, principalmente relacionado a tragédias naturais, seja enchentes, seu passado de abusos sexuais no barco.

Certa manhã, sendo muito menina, o Amazonas transbordado amanheceu convertido num pântano nauseabundo, e ela havia visto os ataúdes rachados flutuando no quintal da sua casa com pedaços de trapos e cabelos de mortos nas rachaduras. (MÁRQUEZ, 1992 p. 58)

As ondas sempre trazem algo de ruim para Maria. O conto gira em torno desse sentimento que algo irá chegar como as grandes ondas da enchente de sua infância, destruindo tudo, isso seria a morte. Contudo, com o desenrolar da narrativa ela conhece um estranho rapaz que a leva para casa e pergunta se pode acompanhá-la. O conto termina com o rapaz subindo as escadas e Maria surpresa de que o sentimento que vinha sentindo não era de morte. Nesse sentido, há uma abertura para que o leitor deixe sua imaginação à vontade para criar algo para além desse desfecho.

“Deus meu”, disse assombrada. “Quer dizer que não era a morte!”, Encontrou finalmente a fechadura, ouvindo os passos contados na escuridão, ouvindo a respiração crescente de alguém que se aproximava tão assustado quanto ela no escuro, e então compreendeu que havia valido a pena esperar tantos e tantos anos, e haver sofrido tanto na escuridão, mesmo que tivesse sido só para viver aquele instante. (MÁRQUEZ, 1992 p. 66)

No entanto, seria o intuito de Márquez deixar parecer que o amor e a morte seriam coisas parecidas para Maria? Como uma mulher negra idosa não seria digna de alguém que realmente a amasse?

Em contrapartida a Maria, Luamanda descobriu os gozos da vida por si mesma e para si mesma. Enquanto para Maria o amor era morte, era enchente destruidora, para Luamanda “o amor era terremoto?” “O amor é um poço misterioso onde se acumulam águas-lágrimas?” (EVARISTO, 2016), Durante toda sua vida experimentou as mais diferentes formas de amor, passeando na solitude pelo seu corpo, na companhia de outros, outras. E na velhice não foi diferente, continuava tendo seus desejos e os saciando. Na verdade, suas melhores experiências. O conto como em movimento de onda fala do amor e suas descobertas ao longo da vida. Como a personagem descobre o amor eros, o amor próprio, o amor homoafetivo, o amor materno e outros.

Luamanda teve filhos, ao contrário de Maria, assim rompendo o estereótipo do corpo-objeto da mulher. Perpassa muitos papéis sociais além da maternidade. “Luamanda, avó, mãe, amiga, companheira, amante, alma-menina no tempo.” Apesar da brevidade do conto, a personagem aqui referida tem densidade psicológica. Ela é moldada a partir de quem uma mulher negra poderia ser e não das construções sociais definidas para ela. O conto é dividido em várias partes como as fases da lua e como o próprio nome da personagem.

A personagem adquire uma infecção sexualmente transmissível (IST) durante sua velhice, o que gera um trauma nela. Esses assuntos são, no geral, tabus e para pessoas idosas isso seria duplicado. Dessa forma se tornando algo vergonhoso de se debater. No entanto, a autora descreve a reconstrução de Luamanda. Como as fases da lua. Como ela resolve, aos poucos, seu trauma acariciando seu próprio corpo e se redescobrimdo sexualmente mais uma vez, “o gozo ainda era possível”.

O conto termina assim como o de Maria dos Prazeres, com um final aberto que dá margem para imaginar um possível prenúncio de amor.

Viajando no tempo-evento de sua vida, Luamanda, distraída, esqueceu-se do compromisso para o qual se preparava no momento. Acordou, para o encontro que estava para acontecer naquela noite, quando ouviu os assobios de alguém que aguardava por ela lá fora. Apressou-se. Podia ser que o amor já não suportasse um tempo de longa espera. (EVARISTO, 2016 p. 40)

Portanto, um amor que chega como uma sensação de morte, ou um amor que chega quando menos se espera trazem reflexões para a construção social da velhice como tempo acabado. Em que na vida tudo que poderia acontecer já aconteceu. Não há mais margem para o amor, o trabalho, para viver. Maria e Luamanda vem para mostrar que há desejos na velhice, principalmente os desejos sexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante se observar a necessidade de mudança de perspectiva diante de padrões criados em nossa sociedade. Durante a escrita do artigo, teve-se o cuidado de não utilizar palavras como “velho” para que não se reforce a ideia de desgaste. Como se a velhice fosse o tempo da inutilidade, tempo de coisa decrépita, arruinada. Buscando ressignificar esses conceitos enraizados socioculturalmente. Nesse sentido, refletir acerca do etarismo se faz necessário para dar voz aqueles que estão à margem.

Por seu caráter de imitar facetas da realidade a partir do olhar de alguém, a literatura tem a capacidade de trazer esses assuntos para debate, tornando visíveis situações cotidianas que muitas vezes nos passam despercebidas, ou que nem temos conhecimento de que possam acontecer. Logo, não somente é imprescindível refletir acerca do etarismo, como também, produzir obras artístico-literárias as quais possuam protagonistas idosas. A escrita de representatividade leva o leitor a ter uma catarse e se identificar naquele personagem, o

levando a ter uma percepção diferente diante de sua própria vida. Ao ter esse reconhecimento, percebe em si mesmo a capacidade de ser além daquilo que foi imposto.

Ademais, torna-se imprescindível produzir análises acerca delas, tendo em vista a visibilidade que a academia pode dar às obras. Sendo assim, a partir das críticas tecidas haverá uma nova possibilidade de olhar para a pessoa idosa e seu papel social na literatura. Por fim, é importante o destaque aos recortes de raça e gênero para que se observe com mais precisão as problemáticas que essas pessoas sofrem, dentro e fora dos espaços literários.

REFERÊNCIAS

BRITTO DA MOTTA, Alda. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. *Sociedade e Estado* (UnB. Impresso) , v. 25, p. 225-250, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina . Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea** , v. 44, p. 289-302, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FRANCO JUNIOR, A. Operadores de leitura da narrativa. In: Thomas Bonnici; Lúcia Osana Zolin. (Org.). **Teoria Literária - Abordagens históricas e Tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: EDUEM, 2009, v. 1, p. 33-58.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2001.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os cantos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

PIGLIA, Ricardo. “**Novas teses sobre o conto**”. In: *Formas Breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SILVA, F. C. **A presença da ancestralidade em narrativas de Conceição Evaristo e Mia Couto**. CADERNO CESPUC DE PESQUISA. SÉRIE ENSAIOS , v. 1, p. 1-131, 2018.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: Thomas Bonnici; Lúcia Osana Zolin. (Org.). **Teoria Literária - Abordagens históricas e Tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: EDUEM, 2009, v. 1, p. 181-203.